

Área Temática: **Estratégia em Organizações**

**O PROCESSO DE TOMADA DE DECISÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES
PRODUTORES DE UVA NA REGIÃO SERRA DO RIO GRANDE DO SUL: UM
ESTUDO DE CASO PARA O MUNICÍPIO DE FLORES DA CUNHA**

AUTORES

ALEXANDRE TROIAN

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM

xtroian@gmail.com

DIONÉIA DALCIN

Universidade Federal de Santa Maria

dioneiadalcin@yahoo.com.br

ALESSANDRA TROIAN

Universidade Federal de Santa Maria

xatroian@gmail.com

SIBELE VASCONCELOS DE OLIVEIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA SANTA MARIA

sibele_oliveira@yahoo.com.br

Resumo

A cadeia produtiva da uva brasileira caracteriza-se pela sua complexidade por incluir diversos setores como o segmento de uva para mesa, finas e comuns, de vinhos, finos e comuns, e o segmento de sucos, que vem mostrando clara tendência de crescimento nos últimos anos. O presente trabalho visa conhecer o processo de tomada de decisão dos agricultores familiares produtores de uva da Região Serra do Rio Grande do Sul em função do cenário socioeconômico da cadeia produtiva e da eficiência das unidades de produção. Para tanto, foram coletadas informações em trabalhos existentes sobre a cadeia produtiva e realizadas entrevistas com onze produtores do município de Flores da Cunha. Destaca-se que o processo de tomada de decisão destes agentes econômicos é realizado no coletivo do contexto familiar, mais voltados às problemáticas cotidianas. Contudo, prevalecem as peculiaridades da racionalidade limitada dos agentes econômicos. Destarte, orientadas sempre para o alcance de maior eficiência da atividade produtiva e do bem estar social da família, as decisões refletem o amplo conjunto de aspectos objetivos e subjetivos que circundam os agricultores, em consonância com os desempenhos técnico e econômico e entre os sistemas de produção que compõem a propriedade rural.

Palavras-chave: Viticultura, Agricultura Familiar, Tomada de decisão.

Abstract

This work aims to understand the decision making process of farmers producing grapes of the Mountain Range of Rio Grande do Sul in the light of the socioeconomic background of the

production chain and the efficiency of production units. Thus, we collected information on existing work on the production chain and conducted interviews with eleven producers in the municipality of Flores da Cunha. It is that decision-making of economic agents is carried out in the collective of the family, more focused on everyday issues. However, the prevailing peculiarities of limited rationality of economic agents. Therefore, always oriented to the achievement of greater efficiency of the productive activity and social welfare of the family, the decisions reflect the wide range of objective and subjective aspects that surround the farmers in line with the technical and economic performance and between systems production that make up the farm.

Key-words: Viticulture, Agriculture Family, Decision making.

1 INTRODUÇÃO

Considerada como uma das atividades produtivas do setor primário que tem experimentado forte dinâmica no tocante ao aparecimento de novas regiões produtivas, reconversão de vinhedos, redefinição de foco da produção, entre outras mudanças, a viticultura vem mostrando-se adequada para fornecer sustentabilidade econômica e social às pequenas propriedades de agricultura familiar (MELLO, GARAGORRY e FILHO, 2007).

Contemporaneamente, ocupa área de, aproximadamente, 77 mil hectares, com vinhedos estabelecidos em diversas regiões do Brasil. A produção de uvas é da ordem de 1,2 milhões de toneladas/ano. Deste volume, aproximadamente 45% é destinado ao processamento, para a elaboração de vinhos, sucos e outros derivados e 55% comercializado como uvas de mesa (IBRAVIN, 2009).

No Rio Grande do Sul, a atividade desenvolve-se embasada na inserção de novas tecnologias, recursos humanos altamente especializados e novos empreendimentos (SOUZA, 2005). Apresentando significativa importância socioeconômica, atualmente representa 68% da produção de uva e 90% da produção de vinho brasileiras.

Fatos comprovadamente originários da produção de uvas e seus derivados, como o surgimento de novas demandas de mercado e da percepção de oportunidades de geração de emprego e renda via agregação de valor do produto, têm fomentado um ambiente de complexidade para o setor. Neste sentido, organizações setoriais visam estruturação e estabilidade por meio de decisões viabilizadoras de benefícios e minimização das incertezas e variações abruptas.

Esta dinâmica estrutural também vem sendo evidenciada nas organizações agropecuárias. Em decorrência dos desafios gerados, principalmente, pela economia globalizada, percebem-se mudanças no *modus operandi* da agricultura familiar produtora de uvas.

Diante deste contexto, o presente trabalho objetiva descrever a viticultura no município de Flores da Cunha - RS, buscando conhecer a tomada de decisão dos agricultores em função do cenário socioeconômico da cadeia produtiva e da eficiência das unidades de produção.

2 A CADEIA PRODUTIVA DA VITICULTURA NA REGIÃO SERRA DO RIO GRANDE DO SUL

2.1 Algumas considerações teóricas sobre a análise de cadeias produtivas

Originário da escola de Economia Industrial Francesa, o conceito de *filière*, isto é, cadeia produtiva, vem sendo empregado nas análises relacionadas ao agronegócio. Com o intuito de analisar o processo de tomada de decisão dos agricultores familiares produtores de uva da região Serra do estado do Rio Grande do Sul, faz-se necessário compreender como se organiza e se estrutura esta cadeia. Assim, cabe aqui uma breve avaliação do referencial teórico sobre *filière*.

A definição de uma cadeia de produção é realizada por meio da identificação de específico produto final e, posteriormente, encadeiam-se de jusante a montante as diversas operações técnicas, comerciais e logísticas, necessárias a sua produção (BATALHA, 1997).

Cadeia (*filière*) é uma seqüência de operações que conduzem à produção de bens. Sua articulação é amplamente influenciada pela fronteira de possibilidades ditadas pela tecnologia e é definida pelas estratégias dos agentes que buscam a maximização dos seus lucros. As relações entre os agentes são de interdependência ou complementaridade e são determinadas

por forças hierárquicas. Em diferentes níveis de análise a cadeia é um sistema, mais ou menos capaz de assegurar sua própria transformação (MORVAN, 1985 *apud* ZILBERSZTAJN, 2000, p. 09).

Segundo Farina e Zylbersztajn (1991), a cadeia produtiva é definida como um recorte dentro do complexo industrial mais amplo, privilegiando as relações entre agropecuária, indústria de transformação e distribuição ao redor de um produto principal. Marques (1994) *apud* Michelin (1999, p.50) revela que cadeias produtivas são conjuntos de componentes interativos, tais como sistemas produtivos agropecuários e agroflorestais, fornecedores de serviços de insumos, indústrias de processamento e transformação, distribuição e comercialização, além de consumidores finais do produto e subprodutos da cadeia.

De acordo com Prochnik e Haguenuer (2001), “cadeia produtiva é um conjunto de etapas consecutivas pelas quais passam e vão sendo transformados e transferidos os diversos insumos”. Através da Figura 1 visualiza-se a concepção de cadeia produtiva agroindustrial, composta por seus componentes interativos.

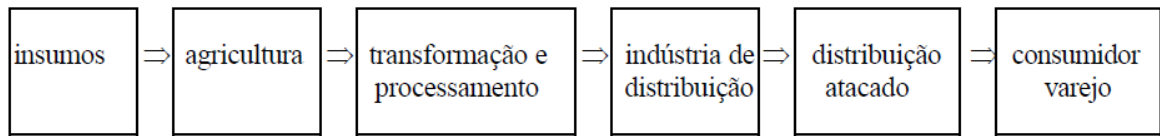


Figura 1. Cadeia produtiva agroindustrial

Fonte: Zylbersztajn (2000, p.14)

Sinteticamente, o enfoque tradicional de cadeias considera três subsistemas, a saber: o sistema de produção, de transferência e de consumo (ZYLBERSZTAJN, 2000). O sistema de produção envolve a pesquisa da indústria de insumos e produção agropastoril; o sistema de transferência enfoca a transformação industrial, estocagem e transporte; o terceiro sistema, o de consumo, disponibiliza o estudo das forças de mercado.

2.2 Análise dos agentes econômicos e suas relações transacionais

A cadeia produtiva da uva na Serra Gaúcha está composta por todos os elos que contribuem diretamente para a obtenção do produto final, desde os fornecedores de insumos até a venda da fruta ao consumidor final.

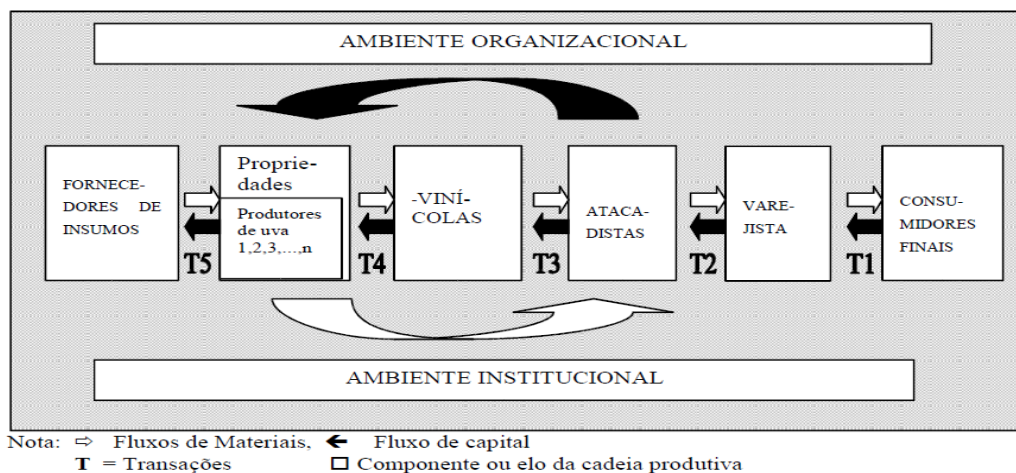


Figura 02 A cadeia produtiva da uva

Fonte: Triches, Siman e Caldart (2004)

Os elos essenciais da cadeia são os viveiros e os importadores de muda de videira; os produtores de uva, oriundos da agricultura familiar ou empresarial, que produzem a uva para consumo *in natura* ou para produção de vinho e derivados; e os consumidores finais, que tanto podem ser as empresas que industrializam a uva para a produção de vinho e derivados da uva e do vinho, o comércio atacadista ou varejista (SOUZA, 2001).

2.3 Análise dos Ambientes Institucional e Organizacional

As abordagens dos níveis analíticos, a saber, o Ambiente Institucional e o Ambiente Organizacional, apresentam-se cruciais para o entendimento da consolidação da cadeia produtiva da uva na região Serra do Rio Grande do Sul.

Genericamente, o Ambiente Institucional abrange o conjunto de leis, normas e regulamentos que estão direta e indiretamente vinculadas aos agentes da cadeia, além das características de hábito, cultura e tradição da sociedade que condicionam a forma de agir de uma cadeia produtiva. Já o Ambiente Organizacional compreende as organizações que desempenham influência sobre os membros da cadeia, como, por exemplo, as instituições de crédito e financiamento, empresas de assistência técnica e universidades (FARINA e ZYLBERSZTAJN, 1991).

A constituição da cadeia produtiva da uva no Rio Grande do Sul resulta do processo socioeconômico histórico. As primeiras colheitas da videiras no estado gaúcho datam de 1626, quando o jesuíta Roque Gonzáles implantou viníferas espanholas na povoação de São Nicolau, localizado na Região das Missões (SOUZA, 1996 e POMMER, 2003). Contudo, o grande marco da viticultura rio-grandense do ponto de vista da expressão social e econômica, se deve, inegavelmente, à colonização italiana a partir de 1875 na Região Serra. Além de condições edafoclimáticas favoráveis ao cultivo da fruta, a cultura e tradição do povo imigrante europeu, traduzidas pelo saber-fazer produtivo, técnicas e tecnologias adotadas na produção, foram determinantes para o sucesso da cadeia.

Pode-se citar, dentre as instituições que condicionam, direta e indiretamente, os resultados da cadeia produtiva os Ministérios de Agricultura, do Desenvolvimento Agrário, do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior. Além disso, instituições como EMBRAPA, ANVISA, EMATER, IBRAVIN, FECOVINHO, universidades, associações e cooperativas de produtores, instituições de crédito e de ciência-tecnologia influenciam o segmento produtivo e de comercialização da uva.

2.4 Caracterização dos agricultores envolvidos no processo

No Brasil, a agricultura familiar possui a menor quantidade de terra, recebe menor volume de crédito e, apesar disso, contribui com importante volume de produção, especialmente na região sul (FAO/INCRA, 1996).

A alta flexibilidade de adaptação a diferentes processos de produção e a variedade de fontes de renda tornaram a agricultura familiar elemento fundamental da modernização agrícola em especial em algumas cadeias agroindustriais como, por exemplo, a do vinho na Serra Gaúcha. A discussão sobre a importância e o papel da agricultura familiar vem ganhando força impulsionada através de debates embasados no desenvolvimento sustentável, na geração de emprego e renda e também, na segurança alimentar.

A viticultura da Serra Gaúcha está ligada ao imigrante italiano, este por sua vez diretamente ligado a agricultura familiar. Estes agricultores estabeleceram-se inicialmente em “colônias,” dedicaram-se principalmente à agricultura, que se tornou a base da reprodução social dessas famílias. Desenvolve-se nessa região a produção de alimentos voltada para o mercado interno, sustentada na pequena propriedade e no trabalho familiar. Combinando a

produção para o consumo próprio com a produção de mercadorias, esse campesinato caracterizou-se pela articulação íntima com o mercado, sofrendo assim as suas ingerências. Além da comercialização dos excedentes das “roças” de alimentos, esses colonos descendentes de italianos da Serra Gaúcha dedicaram-se, à produção de uva, inicialmente comercializada *in natura* e, posteriormente, transformada em vinho ou vendida para as vinícolas (CARNEIRO, 2001).

Atualmente, a fabricação de vinho é uma agroindústria relevante, não somente para o estado do Rio Grande do Sul e para o País.

Observa-se, assim, que a atividade vitícola na Serra Gaúcha apresenta-se como característica da região, no entanto, sabe-se que na agricultura não basta apenas que o agricultor saiba os processos da produção, são necessários também elementos da administração, dentre eles destaca-se as decisões e ações do agricultor.

3 O QUE É A TOMADA DE DECISÃO?

A eficiência organizacional, das empresas, de modo geral, depende de muitos elementos, tendo a administração papel fundamental. Segundo Maximiano, (2002, p.26),

Administração é o processo de tomar e colocar em prática decisões sobre objetivos e utilização de recursos. O processo administrativo abrange quatro tipos principais de decisões, também chamados de processos ou funções: planejamento, organização, execução e controle.

Porém, na Teoria da Administração, o processo decisório foi por muitos anos negligenciado, fato que derivava da forma como fora construída a teoria até o momento. Por isso, escrever sobre este tema é difícil devido aos vários recortes que são feitos na literatura sobre o assunto.

A tomada de decisão está ligada a todas as organizações, na agricultura, porém, observa-se uma maior complexidade do mesmo. Evento que se refere a elementos como: o pequeno produtor não responder a critérios simples de otimização; as decisões serem baseadas, na maioria dos casos, no bom senso e no conhecimento empírico e, por outro, na visão global de seu meio que o faz considerar um complexo de conseqüências de acordo com os objetivos que pretende atingir, então passa a agir e a gerir seu sistema de produção conferindo-lhe uma lógica, uma racionalidade que lhe é própria, condicionada por um ambiente físico, social, cultural, institucional, político e econômico (LIMA et al. 2005).

Para compreender o processo de decisão, inicialmente, deve-se buscar a conceitualização e a caracterização do processo decisório no contexto das organizações, pois segundo Freitas *et al.* (1997, p. 11) “é por meio de suas decisões que os administradores procuram conduzir seu negócio a uma determinada situação”. Para Simon (1979, p. 16)

“As decisões são algo mais do que simples proposições factuais. Para ser mais preciso, elas são descrições de um futuro estado de coisas, podendo essa descrição ser verdadeira ou falsa, num sentido empírico. Por outro lado, elas possuem, também, uma qualidade imperativa, pois selecionam um estado de coisas futuro em detrimento de outro, e orientam o comportamento rumo à alternativa escolhida”.

Dentre os autores sobre tomada de decisão, Herbert A. Simon é o mais estudado, em especial no que tange a racionalidade do processo decisório. Trata-se de um cientista norte-americano, que teve uma longa e produtiva carreira profissional nesta área (BARROS, 2004).

Observa-se que os tomadores de decisão buscam ser racionais através de seus comportamentos, no entanto, por ser um processo complexo estão submetidos à limitações.

Neste sentido, muitos trabalhos antes e após Simon, e em diversas áreas, procuram contribuir para o debate no campo comportamental e principalmente na tomada de decisão organizacional, auxiliando para a redução de incertezas no processo.

Em termos gerais, segundo Simon (1979), a racionalidade ocupa-se da seleção de alternativas de comportamento preferidos de acordo com algum sistema de valores que permita avaliar as conseqüências desse comportamento. Para o autor, a racionalidade completa é limitada pela ausência de conhecimento ou a racionalidade é limitada quando lhe falta capacidade de saber tudo, as quais são fruto, principalmente, de falhas no conhecimento das alternativas, incerteza a respeito de eventos exógenos relevantes e inabilidade no cálculo de suas conseqüências.

Contini et al. (1984) salienta a importância do processo de tomada de decisão para o agricultor, em especial para determinação do volume agregado da produção agrícola pois, independente das causas, a decisão de não plantar determinado produto pode causar distúrbios internos e comprometer a comercialização.

Embora a incerteza seja um elemento constante no mundo dos negócios, deve-se observar que tomar decisão em condições de riscos pode fracassar ou frustrar uma expectativa. Estas condições constituem-se no dilema sobre o continuado risco das conseqüências das decisões que envolvem os gerenciadores (MELO, 2003).

Portanto, o decisor é limitado em relação a capacidade cognitiva, sendo que o processo decisório também fica limitado por esta capacidade. Logo, o indivíduo, em decorrência da limitação no seu conhecimento e dos aspectos de valores e conceitos de finalidade que o influenciam na tomada de decisão, possui racionalidade limitada (SIMON, 1979).

O estilo do decisor, segundo Driver et al. (1990) apud Rathmann (2007), é decisivo para a formulação intuitiva do processo decisório do indivíduo. Aspectos como idade, tempo de trabalho, experiência gerencial, nível educacional, vivência em outros países ou regiões e o tipo de decisões tomadas (operacionais, táticas e estratégicas) são fatores que influenciam no processo de tomada de decisão dos indivíduos.

Para Simon (1972) há dois tipos de tomada de decisões, as programadas e as não-programadas. Entretanto, na obra de Anthony (1965) apud Oliveira (2007) são apresentados três diferentes tipos de decisões: as estratégicas, táticas e operacionais. Destaca-se que estas são as mais usadas em estudos sobre tomada de decisão, e que não são categorias independentes, mas um contínuo que serve para a classificação destas.

O *nível estratégico* engloba a definição de objetivos, política e critérios gerais para planejar o curso da organização com o propósito de desenvolver estratégias para que a organização seja capaz de atingir seus objetivos macro. O *nível tático*, normalmente está relacionado à controle administrativo e são utilizadas para decidir sobre as operações de controle e formulação de novas regras de decisão. O *nível operacional* é o processo pelo qual assegura-se que as atividades operacionais serão bem desenvolvidas pela utilização de procedimentos e regras pré-estabelecidas de decisões.

Em um processo decisório, muitos fatores podem influenciá-lo, destacando-se os externos e os não controláveis. Segundo Freitas et al. (1997), dentre as variáveis existentes, as que mais interferem no processo de tomada de decisões são: os objetivos da organização, os critérios de racionalidade e de eficácia, as informações (a falta ou excesso, situação de incerteza, complexidade e conteúdo), raciocínio, valores, crenças, recursos, entre outros.

Segundo Lima et al. (2005) para concretizar seus projetos, os produtores tomam uma série de decisões e implementam várias ações. As decisões são basicamente orientadas por seus objetivos estratégicos e dependentes das potencialidades e limitações de sua situação. Na agricultura familiar, geralmente, a estratégia adotada consiste em diversificar a produção de acordo com a disponibilidade de recursos, garantindo a subsistência, reduzindo os riscos e

elevando a renda total da família, mesmo que isso não signifique a melhor remuneração do capital investido e a maximização dos lucros.

A existência de um problema consiste em elemento principal, da tomada de decisão que por sua vez compõe o ato administrativo (CONTINI *et al.*, 1984). Na agricultura, problemas como quando e onde plantar orientam o resultado agrícola. Desta forma, as informações são imprescindíveis para resolução de tais questionamentos, mas é necessário que *a priori* de qualquer atitude o agricultor tenha consciência das conseqüências de suas ações. Deste modo, torna-se relevante o estudo de alguns elementos do processo decisório na cadeia produtiva vitícola de Flores da Cunha.

4 METODOLOGIA

O presente estudo consiste em uma pesquisa empírica e de caráter qualitativo. Utilizou como ferramental metodológico entrevistas. Vale ressaltar que não se buscou representatividade estatística da amostra, mas sim abrangência capaz de abordar a diversidade dos tipos de produtores e sistemas de produção existentes do município. A seleção das unidades rurais foi realizada com base nas informações advindas da coleta e tratamento dos dados secundários, obtidos por meio do projeto “*Assistência Técnica e Extensão Rural para Agricultores Familiares da Serra Gaúcha*”, do Instituto IBRAVIN em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA)¹, realizado no ano de 2008 e 2009.

Para conhecer a racionalidade, o tipo e os elementos considerados na tomada de decisão dos viticultores do município de Flores da Cunha, aplicou-se um questionário fechado pré-elaborado contendo questões vinculadas ao processo decisório a onze propriedades beneficiárias do programa de Ater no município.

5 A SERRA GAÚCHA E A PRODUÇÃO DE UVA/VINHO

A configuração territorial do Rio Grande do Sul está diretamente vinculada ao seu processo de formação histórica. Pode-se dizer que, na secção transversal, porção norte predomina características vinculadas à agricultura familiar nas unidades de produção agropecuária, enquanto que na porção sul, apresenta características fortemente vinculadas a agricultura patronal, representada na pecuária extensiva tradicional.

A Serra Gaúcha está localizada no Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, cujas coordenadas geográficas e indicadores climáticos médios são: latitude 29°S, longitude 51°W, altitude 600-800m, precipitação 1.700mm, temperatura 17,2°C e umidade relativa do ar 76%. Destaca-se que é a maior região vitícola do país com cerca de 40 mil hectares de vinhedos (IBRAVIN, 2009).

O segmento da uva absorve 13.268 famílias integradas diretamente na produção desta matéria-prima. Dentre estas, muitos são viticultores que aperfeiçoaram seus métodos de cultivo, mudando o contexto social e econômico da região. Nos municípios de Caxias do Sul, Flores da Cunha, Garibaldi, Bento Gonçalves, Farroupilha, Nova Pádua, Antonio Prado, São Marcos, Monte Belo do Sul e Veranópolis, concentra-se 90,6% das empresas vinícolas do Rio Grande do Sul (IBRAVIN, 2004).

Geralmente, a produção de viticultura dá-se em pequenas propriedades, pouco mecanizada devido à topografia acidentada, onde predomina o uso da mão-de-obra familiar. A poda é realizada em julho-agosto e a colheita concentra-se nos meses de janeiro a março.

¹ Este programa visa à reorganização da cadeia produtiva da uva, além de Assistência Técnica e incentivo a produção agroecológica.

Mais de 80% da produção da região se origina de variedades de uvas americanas (*Vitis labrusca*, *Vitis bourquina*) e híbridas interespecíficas. As variedades de maior expressão neste grupo são: Isabel, Bordô (Ives), Niágara Branca, Concord Niágara Rosada, Jacquez e Seibel 1077 (IBRAVIN, 2009).

A densidade de plantio situa-se entre 1.600 a 3.300 plantas por hectare e predomina o sistema de condução em latada ou pérgola (horizontal), proporcionando produção média de 10 a 30 toneladas/ha, variando de acordo com o cultivar e as condições climáticas da safra. A maior parte da uva colhida é destinada à produção de vinhos, sucos e outros derivados. No que se refere aos vinhos finos, merece destaque a produção de vinhos espumantes de alta qualidade, além dos vinhos tranquilos, brancos e tintos. Detentora de alta tecnologia enológica, sobretudo no segmento de vinhos finos, esta região vem crescendo como produtora de vinhos de qualidade (CARTER, 2009). Além disso, evidencia-se a busca pela denominação de origem do vinho ali produzido.

5.1 O Espaço Estudado: caracterização do município de Flores da Cunha

O município de Flores da Cunha foi criado em 15 de maio de 1924, desmembrando-se de Caxias do Sul sob decreto número 3.320. Distancia-se aproximadamente 150 Km da capital estadual Porto Alegre. Segundo dados da Fundação de Economia e Estatística (FEE, 2008), possui 25.544 habitantes, destes 8.123 rurais e 17.421 urbanos, em uma área de 292,9 Km². O PIB é de R\$ 445.497,00 e o PIB per capita é de R\$ 15.801,00. Faz divisas ao norte com Antônio Prado, ao sul com Caxias do Sul e Farroupilha, a leste, Nova Roma do Sul e Nova Pádua e a oeste com o município de São Marcos.

Flores da Cunha é formado basicamente por descendentes de italianos e destaca-se pela produção de vinhos no Brasil. É o segundo maior produtor de uvas do país, do Estado é o segundo pólo moveleiro, segundo maior produtor de alho, e primeiro produtor de bebidas alcoólicas, além de possuir forte produção de hortigranjeiros comércio e serviços (FEE, 2008).

6 DESCREVENDO A PESQUISA

6.1 Caracterização dos atores envolvidos

Com o intuito de caracterizar socioeconomicamente os onze agricultores familiares componentes da investigação, pertencentes às comunidades Nossa Senhora do Carmo, Linha Cem, Mato Perso, São Gotardo, Restinga, Travessão Sete de Setembro e o Distrito Otavio Rocha. Os responsáveis pelos estabelecimentos agrícolas foram indagados quanto a dados gerais da propriedade, tais como: idade, estado civil, grau de instrução, tempo dedicado à atividade rural, características do domicílio, onde os agricultores costumam adquirir informações necessárias para manutenção da(s) atividade(s) agrícolas, e principalmente o processo decisório.

Na Tabela 1 visualiza-se alguns dos elementos considerados no levantamento dos dados socioeconômicos dos estabelecimentos estudados, dentre estes destacamos a questão de gênero, idade e escolaridade dos envolvidos.

Estabelecimentos Agrícolas Familiar												Total	%
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11			
Gênero													
Masculino	2	2	2	6	1	2	2	1	4	2	2	26	58,7
Feminino	1	1	2	1	3	3	2	3	1	1	1	19	32,37
Idade													
0 a 19 anos	0	0	0	1	0	2	0	2	0	0	0	5	10,9
20 a 39 anos	1	2	2	4	2	1	2	0	4	1	1	20	43,5
40 a 59 anos	0	1	2	2	4	1	0	2	0	2	2	16	34,8
60 anos ou mais	2	0	0	0	0	1	2	0	2	0	0	7	15,2
Média	54,7	33,9	39,8	31,0	35	35,4	47,5	30,3	54,8	48,3	39,7	40,9*	0
Escolaridade													
Não alfabetizado	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
1ª a 4ª série	2	1	1	1	0	1	2	2	4	1	0	15	33
5ª a 8ª série	0	0	1	0	0	3	1	0	0	0	2	7	16
2º grau incompleto	0	1	0	2	0	0	0	1	1	0	1	6	13
2º grau completo	0	1	2	1	2	0	0	0	0	1	0	7	16
3º grau incompleto	1	0	0	3	1	0	0	1	0	0	0	6	13
3º grau completo	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	3	7
Estudantes	1	0	0	5	2	1	0	2	0	0	0	11	26,9
Mão de obra													
UTH ²	2,5	3,0	4	7	2	3,3	2,5	3,5	5,5	1,8	3,0	3,5*	

*Média dos EAF.

Tabela 1 Dados Socioeconômicos dos estabelecimentos estudados

Com base nos dados apresentado, observa-se que 32,7% da amostra são representantes do sexo feminino, o que indica uma possível masculinização do meio rural. Esse fato, que há anos vem sendo percebido no meio rural, somado ao envelhecimento da população do campo, gera a necessidade de direcionamento particular por partes dos agentes de desenvolvimento. Quanto à idade média (27 homens e 19 mulheres) dos membros da investigação ficou no patamar de 40,9 anos, sendo que a maior porção é representada por pessoas de 20 a 39 anos. Comparando os números da amostra, das pessoas de 0 a 19 anos que é de 10,9%, com a média estadual desta faixa etária que é de 30,5% de habitantes, observa-se uma discrepância nos números abordados. Já na faixa etária dos 20 a 39 anos, encontram-se 43,5% dos pesquisados, sendo que no estado esta faixa etária representa aproximadamente 29% do total. Por fim, tratando-se da população com mais de 60 anos, representa 15,2% da população investigada, enquanto no estado esta representa 12,9% (IBGE, 2007).

Com as modificações na dinâmica demográfica provocadas pela diminuição dos níveis de fecundidade somados ao contínuo aumento da expectativa de vida, tem-se uma mudança em grupo de idades específicos da população, mudando assim a faixa etária desta, ou seja, tornam-se mais envelhecidos. Tanto o Estado quanto à nação apresentam uma tendência a esta caracterização. Porém, percebe-se que na região estudada a situação é mais acentuada, arrisca-se dizer que num futuro próximo, de 15 a 20 anos, esta tende a grupos

² De acordo com Lima et al. (2005, p.102).

etários na população muito semelhantes aos grupos existentes em países da Europa, como a França e a Itália.

Diante desta situação, segundo Heredia (2002) basicamente são três os fatores a serem observados. O primeiro trata da readequação das políticas sociais de influência ao ensino básico. O segundo aborda a potencialidade de absorção da mão de obra do grupo de população mais representativo em termos de quantidade, até menos da metade do século XXI. E por último, a profunda variação da demográfica apresentada pelos idosos, que a partir do segundo quinquagésimo do século atual, aumentam sua taxa média de participação superando o contingente jovem provocando grandes implicações sociais sobre tudo na previdência social e nos sistemas de saúde.

Referindo-se à escolaridade, segundo dados da FEE (2008) o município apresenta índice de analfabetismo de 4,66%, enquanto que na presente pesquisa não se constatou a existência de nenhum analfabeto. Com primeiro grau completo existem 50%, aproximadamente 30% cursam ou já cursaram o segundo grau e 20% cursam ou já cursaram graduação. Tais dados retratam elevado grau de escolaridade, principalmente se tratando de uma região rural, os quais repercutem nas formas de gerenciamento e conseqüentemente na tomada de decisão dos membros envolvidos.

A mão de obra nos estabelecimentos rurais estudados é basicamente familiar, tendo uma média de 3,5 Unidade Trabalho Homem Familiar (UTH). Cabe ressaltar que a lógica do sistema de produção da uva requer demanda por mão de obra contratada temporariamente, em dois momentos sazonais, sejam eles: o primeiro na poda, atividade que se inicia no mês de julho e perdura até o final do mês de agosto. O segundo momento e mais crítico é o da colheita qual é atingida pelo pico mais demandante de mão de obra, nos meses de janeiro e fevereiro nas uvas americanas e logo após nas viníferas. Os dois momentos dependem da localização do parreiral e da quantidade de área explorada pelo grupo familiar.

As propriedades são constituídas por uma média de aproximadamente 50 hectares, sendo que a área produtiva média é de 11,62 ha. Tal dado mostra quem em média mais de 23% da área não é considerada produtiva, fato que pode ser atribuído em primeiro lugar pela inclinação do terreno e afloramento de rochas, além da forte influência cultural presente. Em segundo, pelo bioma da região, o qual pertence à mata atlântica, pois o município possui 27.266 ha sendo que desses 6.597 pertencem a áreas de mata e floresta, isso representando mais de 24% (IBGE, 2006).

A comercialização é caracterizada pela venda *in natura* a de cantinas locais. Nos anos anteriores a atual crise do vinho, a atividade vitícola foi muito atrativa monetariamente, fazendo com que surgissem investimentos em cantinas de pequeno e médio porte no interior do município, tal negócio foi implementado pelos agricultores inovadores. Estes dotados de características particulares foram suscetíveis a arriscar e programar o processamento da matéria prima fortemente ofertada no local. Contava-se também com fomento do mercado vitícola.

A participação em cooperativas e associações é pequena, apenas dois dos estabelecimentos possuem vínculo cooperativo. A produção de uva é 18% comercializada em cooperativas e mais de 68% comercializada com cantinas locais e o restante da matéria prima (uva) é processada em cantinas no próprio estabelecimento.

Os sistemas de produção analisados são caracterizados por serem altamente especializados na produção de uva. Estes possuem elevado grau de tecnificação, com maquinários de última geração e instalações em ótimo estado de conservação. Todos possuem trator, inclusive segundo dado do IBGE, 2006, há no município 968 estabelecimentos agrícolas contemplados por 1.279 tratores, o que contrapõe o que já citado anteriormente, sobre as condições dos produtores na agricultura local. Tais elementos, associados à

necessidade de grande quantidade de insumos, os deixam dependentes de *inputs* externos, expondo-os a condições de riscos referentes ao mercado.

Com a prática de cultivo convencional altamente quimificada, os agricultores se expõem, comprometendo a própria saúde, porém os altos retornos financeiros da atividade são “compensatórios”, dando-lhes a possibilidade de investir tanto na produção, como em na saúde, educação, lazer, entre outros. A termos de exemplo, planos de saúde, estão presentes nos onze estabelecimentos, além disso, 90% possuem água tratada, também salienta-se que faz-se a devolução do lixo seco rural, por meio de uma política pública municipal.

Por fim, é notória que uma diferenciação entre estes agricultores em um comparativo com o que se sabe de agricultura familiar, por possuírem altas tecnologias, elevados níveis de escolaridade, boas condições financeiras e de moradia. Dados que podem repercutir no processo de tomada de decisão.

6.2 Das ações aos resultados: analisando a tomada de decisão

Diante de um ambiente de complexidade, as organizações procuram estar estruturadas e estabilizadas para que suas decisões possam trazer benefícios e minimização das incertezas, e mudanças. Esta dinâmica estrutural, também é observada nas organizações agropecuárias, em decorrência dos desafios gerados pela economia globalizada.

A decisão do agricultor é complexa, nela estão presentes componentes da tradição, de aprendizado, de infra-estrutura, psicológicos, sociais e econômicos. A força ou a influência destes elementos na decisão, depende também dos tipos de agricultores. Os que são orientados pela tradição, terão dificuldades em mudar de culturas, mesmo que o preço do produto não seja tão compensador. A infra-estrutura de uma propriedade rural (máquinas, instalações e equipamentos) também tem força acentuada na decisão (CONTINI et al. 1984).

Na presente pesquisa percebeu-se que em 100% dos casos estudados (sempre ou frequentemente) as decisões são tomadas no coletivo, sendo consultado a família e vizinhos, ou seja, a circunvizinhança tem influência direta no processo decisório destes agricultores.

Isso pode ser evidenciado em CONTINI et al. (1984), onde o autor salienta que a família, a discussão na família, o aprendizado com amigos, o ouvir falar, o desejo de experimentar, são alguns dos demais fatores que influenciam na tomada de decisão do agricultor.

O mesmo é discutido por Lima et al. (2005) ao analisar-se o planejamento das atividades e a tomada de decisão, observando que ambos são objetivos de discussão entre os membros da família. No dia-a-dia são distribuídas às tarefas e eventualmente são feitas avaliações sobre o andamento das atividades e a programação do trabalho. Quanto às decisões de investimento, compra e venda de bens, são feitas basicamente na esfera familiar, sendo que a opinião da esposa nesse tipo de decisão é preponderante. Já as decisões referentes à produção são, geralmente, discutidas fora do âmbito familiar, em especial, com os vizinhos.

Na agricultura familiar, a tomada de decisão e as contingências são mais acentuadas e permeiam questões profundas, diferentes de outros níveis de agricultores. As decisões e ações a serem desempenhadas, nas unidades familiares, dependem muito das situações e dos objetivos do agricultor, em fim, segundo Lima et al. (2005, p. 66),

As decisões e ações dos agricultores familiares relativas à condução de suas atividades de produção são coerentes e racionais. Elas visam atender um ou mais objetivos percebidos como possíveis pelo grupo familiar, tendo em vista a percepção que o(s) agente(s) tem de sua situação e das finalidades atribuídas às suas unidades de produção.

Muitas vezes esta situação não parece ser racional com o sistema econômico, nem mesmo com os observadores externos e ocasiona decisões contrárias a alguns objetivos, mas coerentes com outros e em algumas situações as decisões são tomadas sem conhecimento de causa (LIMA et al., 2005). Dessa forma, evidencia-se uma lacuna na atividade produtiva existente entre a implantação de teorias e a prática nas unidades de produção familiares, no Brasil.

Desta forma, observou-se que 100% dos agricultores *in loco* tomam decisões racionais, estas que oscilam em decisões geralmente racionais, sempre racionais e ocasionalmente racionais ou emocionais (ou seja, indiferente). Embora, a totalidade de entrevistado tenha dito agir racionalmente é conhecido que os elementos emocionais influenciam nas decisões, mesmo que esses fatos sejam relegados a segundo plano, com medo de demonstrar fragilidade.

O comportamento dos agricultores frente às incertezas e em especial ao risco é de aversão aos mesmos, pois se tem medo do novo, do passo inseguro, em especial, os agricultores familiares em decorrência de suas peculiaridades. Todavia, este comportamento frente ao risco, não é só dos agricultores, em seu texto La Mendola (2005, p.1) expressa que

O risco é aqui entendido como uma *interpretação* do enfrentamento do perigo na persecução dos objetivos. Em particular, é essa interpretação que a cultura dominante na modernidade tem a pretensão de afirmar como universal [...] O termo “risco” tende, ao contrário, em muitos contextos, a tornar-se sinônimo de perigo ou de situações de grande perigo. Fala-se, assim, de situações ou, ainda pior, de pessoas em risco para significar situações e pessoas para as quais se prevê, com grande probabilidade, a ocorrência de eventos negativos.

No entanto, no decorrer de seu trabalho La Mendola (2005) expõe que arriscar-se é uma condição imanente da vida individual e social, e que faz parte do conjunto de fatores que se interpõem entre as ações dos agentes e a tentativa de alcançar os resultados desejados explícita ou implicitamente. E estes riscos muitas vezes são necessários, e o sucesso ou fracasso, depende igualmente das “redes de proteção” que se estendem sob quem aceita o risco. De tal modo, nos diversos tipos de organizações, e em especial na agricultura a superação destas incertezas e riscos está na capacidade adaptativa e construção da rede de proteção, que perpassam a busca de informação.

Quanto ao risco presente nas decisões, em 81,81% dos entrevistados as decisões são seguras, variando entre ocasionalmente seguras e geralmente seguras, os outros 18,18% são geralmente arriscadas, o que evidencia que, na maioria dos casos, o agricultor toma cuidado antes de decidir.

A complexidade presente no setor agrícola brasileiro é aumentada pela grande heterogeneidade presente no setor. É muito difícil desenvolver programas, em particular políticas públicas, adequadas para a diversidade, assim, muitas vezes os mais necessitados acabam marginalizados, salientando as contingências existentes.

Quanto a alguns elementos do estilo decisório, Driver et al. (1990) e Davis e Olson (1987), Kirschenbaum (1992) *apud* Dutra (2008) observam que à idade e tempo de gerenciamento, influenciam no desempenho das propriedades, ou seja, quanto maior for o tempo de atividade nestas funções, maior a experiência em tomada de decisão. Outro elemento é o nível de instrução do decisor, quanto maior a formação básica até a pós-graduação, maiores serão os seus conhecimentos adquiridos, os quais servem de subsídios para uma tomada de decisão.

Lima et al. (2005) salienta que os agricultores executam as decisões estratégicas e táticas relativas à produção, tendo como base a racionalidade e as condições de produção.

Tais, decisões tomadas e as ações implementadas, associadas às condições de produção, determinam diferentes níveis de acumulação e possibilidade de reprodução das propriedades.

Quando questionados sobre o tipo de decisão que costumam tomar, 63,3 % os agricultores pesquisados dizem tomar decisões táticas, ou seja, decisões voltadas ao controle administrativo, são decisões que exigem maior grau de informações e estão ligadas a alta hierarquia, sendo necessário que a família ou o responsável por está pense sobre as alternativas possíveis e escolha entre elas as melhores, no tempo e espaço ao qual estão inseridos. Nas demais propriedades, analisadas (36,7%), as decisões ficam no campo operacional, ou seja, decisões do dia-a-dia, que não exigem maiores investigações e informações.

Destaca-se que os indivíduos possuem limitações de racionalidade, pois mesmo operando em um nível de informações satisfatório suas decisões agropecuárias, contemplam elementos de difícil previsibilidade (DAVIS E OLSON, 1987 *apud* DUTRA, 2008).

Muitos autores salientam a importância das informações e os números (produtividade, custo de produção, área trabalhada) para as decisões, nos casos estudados, este aspectos ficou bastante divididos, em 18,18% sempre usam, 36,36% ocasionalmente usam 36,36% frequentemente usam e 9,0% raramente usam. Fato que pode mostrar a heterogeneidade na agricultura, em especial a familiar, o que vai ocasionar também diferenças significativas nas decisões tomadas, pois a tendência é de quanto maior o número de informações e outros elementos da propriedade, mais precisas são as decisões.

Segundo Lima et al. (2005) o sistema de controle e informações desses agricultores é totalmente informal. As informações presentes nas propriedades resultam, basicamente, da vivência cotidiana e da observação direta. As informações sobre o que ocorre fora da unidade de produção são obtidas através do rádio e da televisão (quando possuem) ou pelo contato técnico, vendedores e comerciantes. Já quanto às informações contábil, praticamente ninguém possui registro das atividades, todas as informações estão na memória do agricultor e dos demais membros da família.

Para Melo (2003) os administradores das propriedades familiares norteiam a produção com base em objetivos estratégicos e/ou critérios de racionalidade, com intuito de minimização dos riscos bioclimáticos e de mercado, garantia de segurança alimentar e emprego da mão-de-obra da família, redução dos custos totais, em especial da produção e investir na melhoria e ampliações das condições de trabalho e produção.

Observa-se que é difícil usar métodos e fundamentos claros para cada uma das ações, a serem colocadas em prática. O gestor rural, na maioria das vezes, não tem tempo para basear suas ações num conjunto de regras explícitas, normalmente as decisões do cotidiano requerem uma resposta imediata, e ele se vê obrigado a dar uma resposta rápida, e nestes casos ele tem que apelar para sua experiência, e aí estará fazendo uso de regras ocultas. O uso da lógica racional e de suas regras pode ser muito demorado em determinadas situações, mas em outras ele é extremamente necessário, já nas decisões que necessitam uma maior urgência, ou naquelas em que realmente se acredita e não se sabe explicar o porquê, se as pessoas estarão mais inclinadas ao uso do ilógico, pois não poderão abrir mão de sua experiência de vida, de sua sensibilidade, como ocorre normalmente na decisão de um gestor de unidades de produção familiares (MELO, 2003).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa considera a unidade de produção como um sistema complexo, no qual uma série ampla de atributos se inter-relacionam no tempo e no espaço, tornado o objeto de análise menos discreto, sem fragmentação e continuado.

Ressalta-se que os sistemas de produção analisados são altamente especializados, com forte presença de tecnologia; fato que os tornam dependentes de *inputs* externos, fomentando a relação de subordinação ao mercado destes elementos. Além disso, há uma grande dependência em relação ao uso dos agrotóxicos na produção das uvas.

Embora a atividade apresente alta rentabilidade e visualize-se que novos investimentos são realizados constantemente, a saber, em infra-estrutura, na própria atividade e no melhoramento das condições de vida das referidas famílias, como em saúde, lazer e educação.

Salienta-se a problemática da mão de obra na região do município de Flores da Cunha, devido ao emprego demasiado de mão de obra externa (contratada) na atividade produtiva, fator que gera, rotineiramente, a utilização de pessoal não qualificado e sem experiência.

Considera-se ainda que todos estes elementos contribuem para o processo de tomada de decisões dos agricultores familiares entrevistados. As decisões são em sua maioria seguras, tomadas no coletivo do contexto familiar e mais voltadas ao dia-a-dia, utilizando informações corriqueiras da cadeia produtiva. Contudo, prevalecem as peculiaridades da racionalidade limitada dos agentes econômicos. Destarte, orientadas sempre para o alcance de maior eficiência da atividade produtiva e do bem estar social da família, as decisões refletem o amplo conjunto de aspectos objetivos e subjetivos que circundam os agricultores, em consonância com os desempenhos técnico e econômico e entre os sistemas de produção que compõem a propriedade rural.

8 BIBLIOGRAFIAS

BARROS, G. **Racionalidade e organizações:** um estudo sobre comportamento econômico na obra de Herbert A. Simon. São Paulo, 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 2004.

BATALHA, M. O. DA SILVA, A. L. Gerenciamento de Sistemas Agroindustriais: definições, especificidades e correntes metodológicas. In: BATALHA, M. O. (COORD.) **Gestão Agroindustrial** 3ªed. Ed. Atlas. São Paulo – SP, 2007.

CARNEIRO, M. J. **Herança e gênero entre agricultores familiares.** *Rev. Estud. Fem.*, vol.9, n.1, pp. 22-55. ISSN 0104-026X 2001, 2001.

CARTER, F. **As Coisas Podem Estar Difíceis, Mas Elas Vão Ficar Melhor.** Disponível em: <http://www.ibravim.org.br>. Acesso em: 23 jun. de 2009.

CONTINI, E.; ARAÚJO, J. D.; GARRIDO, W. E. Instrumental Econômico para a Decisão na Propriedade Agrícola. In: CONTINI, E.; ARAÚJO, J. D.; OLIVEIRA, A. J.; GARRIDO, W. E. **Planejamento da Propriedade Agrícola:** modelos de decisão. 2ª ed. Brasília: EMBRAPA-DDT, 1984.

DUTRA, A. S. **O processo decisório de implantação de estrutura para armazenagem de soja ao nível de propriedade rural na região de Santo Ângelo/RS.** Dissertação (Mestrado em Agronegócios) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

FARINA, E.Q.M.; ZYLBERSZTAJN, D. Relações tecnológicas e organização dos mercados do sistema agroindustrial de alimentos. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 8, n. 1/3, p.10-11, 1991.

FAO/INCRA (Food and Agriculture Organization/Instituto de Colonização e Reforma Agrária), 1996. **Perfil da Agricultura Familiar no Brasil: Dossiê Estatístico**. Brasília: FAO/INCRA, 1996.

FREITAS, H. *et al.* **Informação e decisão: sistemas de apoio e seu impacto**. Porto Alegre: Ortiz, 1997.

FEE, Fundação de Economia e Estatística. Disponível em <<http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/capa/index.php>>. Acesso em: 22 de jun. 2009.

HEREDITA, I. C. Composição Etária da população do Rio Grande do Sul. In: ACURSO, J.S. **O Rio Grande do Sul e sua população**. Documentos do FEE, n 51. Porto Alegre, 2002.

IBGE, Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 22 de jun. 2009.

IBRAVIN, Instituto Brasileiro do Vinho. **Dados Estatísticos**. 2003

IBRAVIN. Instituto Brasileiro do Vinho. Disponível em: <<http://www.ibravin.com.br/brasilvi.php>>. Acesso em: 22 de jun. 2009.

LA MENDOLA, S. **O sentido do risco**. 2005. Tradução de Norberto Luiz Guarinello. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a04v17n2.pdf> >. Acesso em: 26 jan. 2009.

LIMA, A. P; BASSO; N. NEUMANN, P, S.; SANTOS, A.C; MÜLLER, A. G. **Administração da unidade de produção familiar: modalidades de trabalho com agricultores**. 3 ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

MAXIMIANO, A. C. A. **Teoria Geral da Administração: da revolução urbana à revolução industrial**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MELLO, L. M. R.; GARAGORRY, FILHO. **Evolução e dinâmica da produção de uva no Brasil no período de 1975 a 2003**. Embrapa Uva e Vinho, ISSN 1808-4648 ; 62. Bento Gonçalves, 2007.

MELO, V. L. F. **Influência das características dos sistemas de gestão no processo sucessório de unidades de produção familiares em São Luiz Gonzaga, RS**. Dissertação (Mestrado em Agronegócio) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MICHELON, E. **Cadeia produtiva e desenvolvimento regional**. Maringá, PR: Clichetec, 1999, p-41-50.

OLIVEIRA, L. M. **A informação como instrumento para tomada de decisão do agricultor de Giruá no estado do Rio Grande do Sul – Brasil**. Dissertação (Mestrado em Agronegócio) universidade federal do rio grande do sul. Porto alegre, 2007.

POMMER, C. V. **Uva: tecnologia de produção pós-colheita, mercado**. Porto Algre: Cinco continentes, 2003.

PROCHNIK, V.; HAGUENAUER, L. **Cadeias produtivas e oportunidade de investimento no nordeste brasileiro.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMISTAS, v. 14, 2001, Recife, p.1-18.

RATHMANN, R. **Identificação dos fatores e motivações relacionados ao processo de tomada de decisão dos diferentes agentes da cadeia produtiva do biodiesel do rio grande do sul.** Dissertação (mestrado em agronegócio) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SIMON, H. A. **Comportamento administrativo: estudo dos processos decisórios nas organizações administrativas.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1979. 311 p.

SOUZA, F. A. **Mudanças promovidas no setor vitícola do Rio Grande do Sul pela inserção de profissionais especializados nas áreas de viticultura e enologia.** Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciências). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

SOUSA, J. S. I. **Uvas para o Brasil.** Piracicaba: FEALQ. Vol. 1, 2 ed. 1996.

SOUZA, S. P. **Desenho e análise da cadeia produtiva dos vinhos finos da Serra Gaúcha.** Dissertação de Mestrado (Mestrado Profissionalizante em Engenharia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

TRICHES, D.; SIMAN, R. F.; CALDART, W. L. **Identificação e análise da cadeia produtiva da uva e vinho Região da Serra Gaúcha. VER FONTE**

ZYLBERSZTAJN, Décio. Conceitos gerais, evolução e apresentação do sistema agroindustrial. In: ZYLBERSZTAN, Décio; NEVES, Marcos Fava (Org.). **Economia e gestão dos negócios agroalimentares.** São Paulo: Pioneira, 2000, p.2-14, 30-34.